

As luzes subitamente se apagaram. Arthur Wester olhava a tela desapaixonadamente enquanto luzes e cores surgiam do telão e inundavam sua visão, em um show caro e sem sentido de efeitos especiais. A palavra "Terapia" inundou a tela em grandes letras, e o filme, com um pouco mais de delongas, começou.

Pelo o que Arthur conseguiu discernir sobre a ideologia da obra, ela tentava falar e explicar a vida de um jeito romântico e leviano, de maneira que ligava o significado de vida ao significado de amor. Uma tentativa patética de dar um significado simples a uma palavra tão complexa. Havia tantos erros e imprecisões na obra e no seu próprio significado que Arthur desatou a rir baixo no meio do filme, levantando alguns olhares curiosos, mostrando ele pela primeira vez desde que entrou na sala algo além de displicência.

Ah, a bobagem em cada pensamento humano é engraçada, muitas vezes.

É uma impressão divertida, dolorosa até, quando uma mente tão nitidamente fechada tenta absorver o conceito de vida e finalmente recai sobre a óbvia, e errada, conclusão da questão procriativa e afetiva. Não era necessário mais do que um pouco de visão para perceber o erro, mas mesmo assim a maioria é incapaz de tal audácia, presos pela própria ideologia, cineastas incluídos.

- Um dos grandes dilemas da humanidade. - ponderou, com um sorriso irônico nos lábios.

Naturalmente, até mesmo para ele, era difícil conseguir palavras precisas o suficiente para descrever de maneira correta essa pequena força de expressão que os humanos chamam de vida, e sempre associam com o seu inacabável ciclo energético.

Não que a vida fosse uma coisa natural, pensou Arthur, enquanto assistia a uma criança e uma mãe se abraçar, com um sorriso que nada tinha a ver com a carga emotiva da cena. A vida, com o significado de vida, ia além da mera existência e da capacidade de interagir com um meio externo, além da evolução dos seres e da sua capacidade de adaptação. Chamar uma forma biológica unicelular de criatura viva era um insulto, uma blasfêmia. Dizer que o amor era a fonte da vida era uma das noções mais absurdas a quais os humanos se apegavam. Não. Viver era privilégio de poucos.

Vida era quando uma mente se abria junto a um corpo. Era quando cada pedaço de carne pensante era jogado e emaranhado na realidade através de suas até então limitadas capacidades sensoriais, e misturado às ondas sonoras de um coração que acelera o seu passo. Era uma explosão de sentidos e cores, de sons e palavras, e nada além do real despertar de uma mente adormecida seria capaz de se comparar. E assim, ao alterar a sua própria realidade, você percebe que vive, que está lá mas faz algo, que existe mas é alguma coisa. E nisso, misturado ao redemoinho de sentimentos que só viver pode proporcionar, você percebe que estava lá, dormindo o tempo todo, e que antes apenas conseguira viver em sonhos.

Iludido com tanta ignorância, e aproveitando o rolar dos créditos, Arthur levantou-se e rumou para a saída do cinema. Saiu apressado, e os passos rápidos foram diluídos pelo tumulto que fazia aquela pequena multidão, com seus pés barulhentos e suas vozes ainda mais. Por fim, se viu livre do excesso, em meio ao grande monte de gente sem rosto e sem rumo, andando para todos os lados sem na verdade ir a lugar algum.



- Torturante, não é? - Perguntou uma voz feminina vindo de suas costas.

Inclinou de leve a cabeça para denunciar seu reconhecimento com relação à nova presença, enquanto continuava a caminhar a passos rápidos por entre as lojas e estantes que alagavam o shopping.

- Para que a pressa, Arthur? - Perguntou a voz, com um leve tom de brincadeira - Afinal, não vamos a lugar nenhum, não é mesmo?

Wester não respondeu outra vez, mas sorriu ligeiramente com a ironia carregada nas palavras que acabaram de ser proferidas.

- Não foi um filme muito bom, não é? - Disse a mesma pessoa, em tom de conversação.

Arthur não falou nada, apenas continuou caminhando em direção à saída do shopping.

- Sabe, de vez em quando você podia olhar para mim, ou pelo menos falar comigo. Assim eu não me sentiria como uma parede - Comentou a voz, que agora começava a vir do lado direito de Arthur.

Ele virou a cabeça para olhar a mulher e, com sua voz rouca, falou em uma voz quase condescendente.

- Por que está aqui, Victoria? Não devia estar em seu apartamento, se organizando para amanhã de manhã?

- Eu só tive o mesmo impulso que você - se defendeu a juíza, com um olhar culpado - É curioso descobrir os jeitos particulares que as mentes fixas e quadradas da maioria das pessoas trabalha, além de sua pobre visão de mundo. Além do mais, eu arrumo tudo essa noite.

- E eu acredito em você - disse ele, com um tom sarcástico entranhado em suas palavras

- Ah, Wester, pelo amor de Deus, não acha que eu vou mancar em algo tão importante, não é? - falou Victoria, dando um pequeno empurrão no braço de Arthur.

- Claro que não - disse o homem, que agora já saía do shopping e entrava no estacionamento - Mas mesmo assim não deixo de me preocupar. Você não costuma dar valor aos pequenos detalhes.

Ela abanou a preocupação dele com um gesto da mão.

- Ah, pode deixar, não vou te decepcionar. E além do mais - disse ela, em tom de ironia - O que é a vida, sem um pouco de preocupação?

E Arthur, mesmo com tudo, não pôde deixar de sorrir com as palavras da amiga, enquanto ela entrava no carro e ele ligava o motor.